

VOZES URBANAS: A FORMAÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL DE CANDEIAS DO JAMARI

José Joaci Barboza*

Francisca Aurineide Barbosa Tamboril**

RESUMO. O presente trabalho é resultado de uma pesquisa que buscou investigar a formação do espaço social do Município de Candeias do Jamari e se relaciona de forma direta com o desenvolvimento recente do Estado de Rondônia, marcado pela busca do desenvolvimento sem, contudo levar em consideração os contextos preexistentes. Buscou ainda, contribuir com o fortalecimento da identidade da população local que é migrante e ribeirinha, já que o município de Candeias, como a maioria das cidades da região Norte é recortada por rios. A metodologia utilizada foi a História Oral de Vida nos moldes desenvolvidos por José Carlos Sebe Bom Meihy. **PALAVRAS-CHAVE:** História Oral; Formação Social, Candeias do Jamari.

ABSTRACT. This work is resulted of a research that it searched to investigate the formation of the social space of the Candeias do Jamari and if it relates of direct form with the recent development of the State of Rondônia, marked for the search of the development without take in consideration the preexisting contexts. It still searched, to contribute with the strengthening of the local population identity, that is migrant and marginal, since the county of Candeias, as the majority of the cities of the region North is cut by rivers. The used methodology was the Verbal History of Life in the molds developed for Jose Carlos Sebe Bom Meihy.

KEY-WORDS: Verbal history; Social formation, Candeias do Jamari.

Candeias do Jamari é um município localizado perto de Porto Velho cerca de 20 km, saindo da capital pela BR 364 sentido Cuiabá. O município é composto em seu tecido social por migrantes oriundos de várias regiões do país e pela presença predominante dos filhos e filhas deste solo, nascidos às margens do rio Candeias que deu origem ao nome do município. Procuramos estabelecer um dialogo através das narrativas, onde ribeirinhos, pescadores e colonos se reconheçam e se encontrem, já que esse espaço social foi sendo composto por um emaranhado de trajetórias, encontros e desencontros, resistências e adesões de migrantes que

* Graduado em História, Mestre em Geografia e professor da UNIR.

** Graduada em História pela UNIPEC.

saíram de seus locais de origem, seduzidos pela busca de riqueza que a década de 1970 tanto propalou e, pela presença do nativo que ou era visto como opositor da construção desse novo espaço ou servia como modelo de organização adequada à sobrevivência em uma região inóspita. O objetivo da pesquisa foi possibilitar outra compreensão acerca dos processos históricos e culturais da explosão demográfica que resultou na formação do espaço social de Candeias do Jamari e que a história oficial não dá conta de explicar; conhecer, por meio de suas memórias, os motivos que levaram os moradores a ficarem nesse espaço; Resgatar as vozes dos que se fizeram presente nesse processo e que foram silenciadas pelas tribunas da vida.

Com a abertura da BR 364, se intensificou a ocupação de forma desordenada dos espaços geograficamente considerados “vazios”, estimulada pela ação de companhias particulares de colonização, especialmente em 1970, intensificando-se cada vez mais com os projetos de colonização de Incra. O que segundo Teixeira e Fonseca (2001, p. 173):

[...] o fluxo migratório da década de 1970, possui características diferentes das anteriores. Até esse período, os fluxos migratórios ocorreram em função da busca de riquezas naturais, portanto os migrantes eram extratores, seringueiros e mineradores. Estes últimos marcadamente nômades. A partir desse momento a migração ocorreu em torno da busca de terras para a agricultura. Foram pequenos agricultores com suas famílias que procuraram Rondônia na esperança de ter acesso a terra. Essa migração assumiu, portanto, características sedentárias.

A abertura da BR 364 e a implantação de um modelo de desenvolvimento baseado na agricultura, foi um dos momentos mais importantes, da história de Rondônia, responsável principalmente pela intensidade do fluxo migratório que resultou na fixação de famílias em terras rondonienses, mas também foi um momento crítico onde se viu surgir o crescimento desordenado de núcleos populacionais, resultando num afunilamento de populações ribeirinhas e camponesas já existentes, sem falar na questão indígena. E conforme Becker (1991, p. 106), “a estratégia do Estado é poderosa. Induz a migração, oferece recursos aos migrantes e se omite na defesa de seus investimentos”.

Ecléa Bosi (2004a p. 176-177) refletindo sobre a migração nos conduz a algumas reflexões, principalmente no tocante as perdas dos suportes de memória:

Como pensar em cultura popular em um país de migrantes? O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoadado nativo de falar, de viver, de louvar a seu Deus... Suas múltiplas raízes se partem. [...] Seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento. Não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas procurar o que pode renascer nessa terra de erosão.

São muitas as possibilidades que podem e devem a partir de uma prática reflexiva nos levar a uma interpretação acerca dos momentos migratórios de Rondônia, no entanto aqui voltou - se ao objetivo da pesquisa, onde o olhar se debruçará novamente sobre Candeias do Jamari. E a proposta para a realização desse projeto era a via inversa dessa visão colonizadora, desenvolvimentista e progressista, pois parte-se do pressuposto que esse mito do espaço vazio é cheio de contradições, visto que o referido argumento só da conta quando se refere aos gerados pelas propostas governamentais, sem levar em conta em sua maioria espaços ocupados de maneiras e formas distintas das formas governamentais pela população do lugar. O que dizer das populações ribeirinhas, índios e colonos que temos a impressão de que quando surgiu determinada localidade, espaço geográfico, é como se os tivessem trazidos juntos? Em que se baseia o tão famoso progresso que sem autorização alguma aloca e realoca esses povos de qualquer maneira e em qualquer lugar?

Compreender os modos de vida dessas pessoas que viveram e vivem nessa comunidade em torno da BR 364 e adquirir uma percepção sobre a visão de mundo e suas expectativas de vida, possibilitando uma outra compreensão acerca dos processos históricos dessa explosão demográfica, que não seja somente fundamentado no mito do espaço vazio. Cita-se mito do espaço vazio baseando-se em leituras de Becker (1991, p. 10) que dentre outras coisas nos adverte. “Mito porque nega a existência das populações indígenas e caboclas, e das sociedades locais.” E esta é uma das justificativas: compreender em que momento o outro que chega juntamente com o progresso se sobrepõe ao eu que aqui já está e toma o seu modo de viver como atrasado, simplesmente porque esse não tem a mesma concepção de vida, de mundo, das formas de organizar a produção e a reprodução dos processos sociais e a forma de acumulação que ele traz.

Nesta pesquisa, um dos eixos norteadores foi à contribuição de José de Souza Martins (1993) e seu livro intitulado: “A Chegada do Estranho”, onde o autor

faz reflexões sobre o impacto dos grandes projetos econômicos na vida das populações ribeirinhas de uma forma geral. Convenientemente pode-se utilizá-lo aqui em Candeias do Jamari tomando como ponto de partida a Hidrelétrica de Samuel, que teve sua construção envolvida em vários contextos, desde a apropriação do espaço geográfico onde havia uma população ribeirinha com seus costumes e tradições que foram desalojadas, a uma possível participação na formação desse espaço social, dependendo do olhar que se tem.

Para esse autor a presença do estranho em contextos modernos está associada à chegada do capitalismo e aos processos de desagregação inerentes a ele:

O estranho não é entre nós, apenas o agente imediato do capital, como o empresário, o gerente e o capataz, mas é também o jagunço, o policial, o militar. E, ainda, o funcionário governamental, o agrônomo, o missionário, o cientista social. Embora cada um trabalhe para um projeto distinto, raros são os que trabalham pela vítima dos processos de que são agentes. São, portanto, protagonistas da tragédia que aniquila os frágeis e que, por isso, nos fragiliza a todos, nos empobrece e nos mutila, porque preenche com a figura da vítima o lugar do cidadão. E nos priva, sobretudo, das possibilidades históricas de renovação e transformação da vida, criadas justamente pela exclusão e pelos padecimentos desnecessários da imensa maioria (Martins, 1993, p. 13).

Partindo do pressuposto de que a história é feita pelas pessoas comuns, onde elas possuem sentimentos, paixões, ideais, qualidades e defeitos, foi assumida a postura de registrar nesta pesquisa os acontecimentos iniciais que resultaram na formação do espaço social que hoje é Candeias do Jamari. Esta escolha conduziu a História Oral desenvolvida por José Carlos Sebe Bom Meihy (2002) e suas contribuições metodológicas abordadas no livro Manual da História Oral. Sabemos que há várias formas de fazer História Oral, por isso a ansiedade na filiação desta prática identificou-se com algumas implicações básicas que diferenciam e destacam essa maneira que é reivindicada por tantos como uma outra História Oral. Num primeiro momento o fato de seguir privilegiando a narrativa do colaborador como núcleo documental principal do trabalho, tendo a preocupação com a constituição desse corpo, exigindo uma postura diferenciada diante do entrevistado.

Num segundo momento, a preocupação com a devolução dessa História Oral, nos remetendo a perguntas feitas por Meihy no manual: história oral de quem? Por quê? E como? Remetendo-nos a um compromisso político com os colaboradores

envolvidos, propondo-nos assim uma História Oral pública que vá além dos muros acadêmicos e que seja geradora de políticas públicas. Finalmente, num terceiro momento, a maneira de como apresentamos os resultados das entrevistas, sempre na íntegra, um texto transcrito em contraposição ao uso fragmentado das entrevistas.

No uso da entrevista fragmentada perde-se a possibilidade de interpretação, na fala que originou o fragmento. Daí, o descaso na conferência e na autorização de uso das narrativas. Ao assumir o procedimento transcritivo, o retorno ao colaborador com o texto final é inevitável. É a parte final do processo que se iniciou no primeiro contato. E a sua apresentação/publicação de maneira irrestrita no trabalho torna-se imperativa para esta História Oral, que se almeja pública comprometida com o outro e com a comunidade pesquisada.

Segundo Martins (1997, p. 17-18), geralmente o pesquisador pressupõe e descarta no grupo que estuda uma parcela de seres humanos silenciosos, os que não falam. Pressupondo que nada adiantaria conversar com eles. O que ele considera como os que “em público e diante do estranho permanecem em silêncio; as mulheres, as crianças, os velhos, os agregados da casa, os dependentes, os que vivem de favor. Ou os mudos da história, os que não deixam textos escritos, documentos”.

Para esta pesquisa decidimos realizar entrevistas individuais com os primeiros habitantes de Candeias do Jamari, ainda no pequeno povoado. Essa escolha justificava-se por considerá-los portadores de narrativas fundamentais no desenvolvimento das ações que resultaram, ou pelo menos foram relevantes na formação desse espaço construído, constituindo-se assim uma fonte de informação valiosa sobre o tema estudado. Quando se decidiu pelas entrevistas, para realização deste trabalho a primeira pessoa que nos veio à mente foi senhor Portela. Isso não se deu por acaso, está intimamente relacionado com a sua trajetória em Candeias do Jamari. A impressão que se tem é que quando surgiu o rio e o espaço geográfico que hoje se transformou na cidade de Candeias do Jamari, senhor Portela veio junto, é como se ele sempre tivesse existido ali na beira do rio Candeias. Considerou-se significativa sua contribuição nesta pesquisa, tendo muito o que dizer acerca deste período e desta temática como guardião de uma história viva. Passada a entrevista com Sr. Portela, veio Dona Maria Pequena, como guardiã de uma tradição religiosa

herdada de uma geração anterior, sobrevivendo até os dias atuais. Outra escolha também foi o senhor José da Igreja: esse tem uma história de luta e resistência, mas da forma que Martins, nos falou anteriormente, pois o seu tempo é o tempo do homem amazônida, por isso mesmo tem o seu dizer traduzido em sua maioria por gestos e metáforas. Após o seu José, optamos por Dona Maria, nascida aqui mesmo às margens do rio Candeias, hoje com cinqüenta e dois anos. Acrescentou-se a esta lista o senhor Sebastião, desalojado na época da construção da hidrelétrica de Samuel.

Definido os sujeitos a serem entrevistados, foi marcado encontro com cada um em suas respectivas casas. Mencionou-se a necessidade de as entrevistas serem gravadas e da autorização por escrito para uso das informações coletadas. Nestes encontros agendamos dia, horário e local para realização das entrevistas. Então tomando como exemplo a Lembrança de Velhos de Ecléa Bosi (2004b), que converte em texto escrito a oralidade, onde a mesma logo de início, deixa claro que sua obra não tem como proposta desenvolver modelo/tema, e sim registrar a voz, seguiu-se rumo a campo para realização das entrevistas que dariam corpus ao trabalho. Munidos dos instrumentos que ajudariam nesse processo (gravador, fitas e caderno de campo), foi-se ao encontro dos colaboradores e colaboradoras.

Portela, José, Marias e Sebastião dão início a suas narrativas partindo de suas próprias escolhas e o resultado foi uma diversidade encantadora. Todos os textos são resultados dos encontros obtidos com colaboradores e colaboradoras, que foram realizados nos meses de setembro, outubro e novembro do ano de 2007. Ressalta-se ainda, a importância de se ter optado por fazer pessoalmente a transcrição dos encontros sem recorrer à ajuda de terceiros, a riqueza deste exercício de escuta sistemática, da leitura e releitura do material, foram momentos determinantes no processo de textualização e transcrição, pois na medida em que se lia e relia-se o material escrito se via emergir os recortes e as primeiras intervenções.

Meihsy nos adverte em seu manual de História Oral que, uma transcrição palavra por palavra do que foi narrado, não consegue dar conta de traduzir os gestos, as lágrimas, o sorriso, o ambiente e todo o acontecido durante o encontro, surgindo assim à necessidade de uma correção, mas que permaneça intacta a origem e significado de tudo que o narrador quis nos dizer. Feita a transcrição e

como o método utilizado nas entrevistas foi dar a possibilidade de escolha sobre o que narrar e como narrar aos colaboradores e colaboradoras, a textualização se deu sem grandes complicações. A transcrição foi baseada numa reorganização das idéias dos mesmos, isso não quer dizer correção gramatical, dos prováveis erros de grafia existente ou ainda sobre os universos de comunicação citados por Caldas (1999, p.104) como primitivo e civilizado, mas utilizar o recurso que este autor justifica muito bem:

[...] o recurso aqui seria o de tornar a voz, o depoimento, a fala do outro, a vivência do outro, inteiros. [...] o resultado final da transcrição são textos vivos, pulsantes [...] o texto final jamais poderia ter sido pronunciado daquela maneira pelo nosso interlocutor; no entanto cada palavra, cada frase, cada estrutura lhe pertence [...] a ele e somente a ele, a ponto de o interlocutor nos dizer eu vivi cada uma dessas palavras; mesmo depois de a sua fala ter se transformado no texto transcrito [...] ao ter sido respeitada a essência viva da fala, o reconhecimento é muito maior do que com a simples pergunta-resposta (Caldas, 1999, p. 108).

Feita as transcrições das entrevistas de uma forma que permitissem que as mesmas mantivessem viva a voz de cada um dos participantes da pesquisa, pôde-se visualizar melhor a posição neste momento. Deve-se confessar que de certa forma as respostas adquiridas foram negociadas, mesmo que ocultamente e em cada pergunta de corte proposta, mas ciente de que o apanhado conseguido levaria a uma interpretação que norteara os objetivos, observando que esses momentos narrativos são constituídos pelos seus modos de lembrar, que são fluidos e mutáveis, e constituídos também de esquecimentos, silêncios, falhas de memória, versões como aspectos de lembrar que serão identificados, pensados e relacionados no momento da análise e também no momento da recepção. Como não admirar os gestos, ritos, pausas e olhares emergidos por uma entonação de voz que somente a fonte oral pode proporcionar? “Feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidade de uma época!” (Bosi, 2004a, p. 16-17). Os depoimentos ouvidos estão povoados de lembranças que oscilam entre o ontem, o hoje e o amanhã, depositado num misto de orgulho e sabedoria capturados pelas experiências e adversidades que os fizeram optar pela liberdade e pela vida.

O rio Candeias “fértil” de José é o mesmo rio de “fartura” de Maria Rodrigues e o de Maria Pequena onde “o custo era só iscar o anzol e rebolar na água”. Como

não encantar-se com a ritualidade de Maria Rodrigues que “pegava peixe com flor” às margens do rio Candeias e que narra rigorosamente toda a etapa da pesca até o resultado final que era o pacu? Da coleta da flor, da flor que depois de fígada no anzol descia de bubuia até o tão esperado visitante aparecer? “Como então dizer que só conseguimos ver? E nesse ver estamos sempre afastados? Como interpretar em tal mundo, se interpretar é assumir com plenitude a poeticidade do mundo (...)?” Perguntas que Caldas (1999, p.114) faz, levando-nos a uma reflexão: se somente conseguimos enxergar o que nossos olhos vêem e não podemos ir além do que o nosso olhar encontra, não teríamos oportunizado a magia desse rito e nem tão pouco teríamos entendido a expressão facial contida em seu semblante.

Diferente desse rio é o rio de Portela e Sebastião já que esse rio serve para o comércio, auto-suficiência, chegada e saída de sua travessia. Rio que trás gente e leva gente, que serve de ponte para o desconhecido, diferente do outro rio que dá o alimento e a diversão. Rio que separa e rio que une. Será o mesmo rio? Mas rio que se torna igual para todos e para todas quando o assunto é de preservação, conservação e motivo de saudade de um tempo de fartura e esperança.

Para Sebastião “se não fosse nós aqui num tinha município, porque quando nós viemo pra cá foi que deu uma evoluída”, afirmação confrontada na fala de José que em sua visão Samuel “não cedeu mais que meia dúzia de moradores que ficaram abandonados a própria sorte”, reafirmando que o desdobramento da emancipação do município deu-se através do ex-prefeito de Porto Velho José Guedes ao idealizar um bairro com o intuito de desafogar os bairros de Porto Velho.

Na memória de Portela e Maria estão à procissão de São Francisco no rio Candeias, com a simbologia ritualista da época, que não existe mais, o que para Maria Pequena se reflete numa tradição familiar herdada, adquirida com o marido “isso aqui vai passando de pai para filho, de filho para neto, de neto para bisneto, quem quiser tocar pra frente vai tocando” ela justifica sua persistência com “aqui tem tanto jovem destruído, tem tanta criança perdida” e mesmo sem perceber fica claro a preocupação social que ela tem em realizar um trabalho que não caberia a ela, mas à falta do Estado a incube de realizar. De todos os festejos religiosos vindo com a migração somente o de São Francisco sobrevive, o que é uma pena, pois como diz Bosi (2004^a,p.163): “Empobrecedora para a nossa cultura é a cisão com a cultura do povo: não enxergamos que ela nos dá agora lições de resistência como nos mais

duros momentos da história da luta de classes”. Resistência que Maria Pequena conseguiu por amor ao seu filho que se dedica, segunda a mesma, “colher todas essas crianças” num trabalho desenvolvido na capelinha de São Francisco, de caráter social já que a própria deixa evidente seu descontentamento ao afirmar “esse lado aqui que nós mora é um lugar esquecido” o “esquecido” aqui denuncia a falta de políticas públicas, lacuna que é assumido pelo filho através do festejo religioso. O lugar esquecido é um lugar que mesmo sem o apoio do poder público não define e isso é percebido na sua fala. Um lugar esquecido que floresceu e continua a dar flores e frutos alicerçados a lembranças revividas, mas refeitas com idéias e imagens do hoje as experiências herdadas do passado.

José a se reportar no tempo que o lugar foi crescendo, segundo ele houve um pouco de acomodação talvez devido ao “estilo de vida que a gente tinha”, nesse estilo de vida não está incluído o processo de acumulação, esse estilo de vida diz respeito a viver sem pressa, onde o tempo é essencial o que para muitos não tem o mesmo valor. Tempo de pescar, tempo de colher, tempo de balançar na rede, tempo de ter tempo é esse o estilo de vida a que se reporta o José, mais que de repente foram engolidos pelo denominado “progresso”.

Mas a maior lição foi ouvi-lo dizer: “o progresso é em si uma faca de dois lados. Essa coisa de desenvolver, do atrasado, do adiantado é muito complicada”. O que é realmente desenvolvimento? Atrasado? E adiantando?

No momento em que sua preocupação volta – se para o cerceamento surgido para os colonos em torno da BR “e de repente os colonos começaram a ficar imprensados e cada um foi vendendo os seus lotes”. Aqui o imprensado denuncia o latifúndio que expulsa os pequenos produtores para depois apropriar – se impunemente, chegando à conclusão que “porque se a gente for olhar, os colonos é que trouxeram a BR e não a BR que trouxe os colonos”. Esse mesmo José questiona e diz também que “a energia vem, mas com ela vai embora um monte de coisa”. A energia que vem para José traga as visitas, os diálogos e leva – nos novamente a Bosi (2004b, p.84) quando pergunta: “porque decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de troca experiências”. E são destas experiências que José sente falta, talvez a humanidade em sua maioria, mas poucos são os que iguais a ele se dão conta disso denunciando no seu falar de sujeito que

interfere sem permitir ser objeto, ciente de suas limitações, mas capacitado a pensar e lutar por mudanças.

O que conseguimos aqui foram histórias de vida de homens e mulheres que têm suas vidas entrelaçadas na formação desse espaço social chamado hoje Candeias do Jamari e que não conta para a história oficial. E isso remete a Bosi quando critica a história apoiada somente em documentos oficiais. “A história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (Bosi, 2004a, p.15).

As lembranças estão carregadas de denúncias e descrédito anunciando a necessidade de reformulação desses espaços sociais e a presença da ação governamental em formas de políticas públicas, mas que seja voltada para todos e para todas que fazem parte desse espaço construído. Percebemos também que, a história oficial de Candeias do Jamari tenta excluir a experiência e o papel que homens e mulheres simples na formatação desse espaço que é sempre espaço social.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Bertha K. **AMAZÔNIA**. Rio de Janeiro: Ática, 1991.
- BOSI, Ecléa. **O TEMPO VIVO DA MEMÓRIA: ENSAIOS DE PSICOLOGIA SOCIAL**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004a.
- _____. **MEMÓRIA E SOCIEDADE: LEMBRANÇA DE VELHOS**. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004b.
- CALDAS, Alberto Lins. **ORALIDADE, TEXTO E HISTÓRIA: PARA LER A HISTÓRIA ORAL**. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARTINS, José de Souza. **A CHEGADA DO ESTRANHO**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- _____. **FRONTEIRA: A DEGRADAÇÃO DO OUTRO NOS CONFINS DO HUMANO**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **MANUAL DE HISTÓRIA ORAL**. 4. ed., São Paulo: Loyola, 2002.
- TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro. **HISTÓRIA REGIONAL: RONDÔNIA**. 3. ed. Porto Velho: Rondoniana, 2001.

TODOROV, Tzvetan. **A CONQUISTA DA AMÉRICA: A QUESTÃO DO OUTRO**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.